

O TÉDIO EM GRACILIANO RAMOS: APONTAMENTOS A PARTIR DOS CONTOS “INSÔNIA” E “O RELÓGIO DO HOSPITAL”

Benedito de Jesus Serrão Rodrigues¹

RESUMO: Este artigo procura examinar o tédio, em perspectiva filosófica e psicanalítica, como um método em que, na literatura graciliana, é elaborada uma reflexão sobre a problemática da existência humana marcada pela desmotivação e/ou desprazer do sujeito. O estudo considera ideias de Lars Svendsen e Sigmund Freud para, assim, se deter em dois contos que constituem seu objeto.

Palavras-chave: Tédio. Sujeito. Graciliano Ramos.

THE BOREDOM IN GRACILIANO RAMOS: NOTES OUT FROM THE SHORT STORIES “INSOMNIA” AND “THE HOSPITAL CLOCK”

ABSTRACT: This article seeks to examine boredom, from a philosophical and psychoanalytical perspective, as a method in which, in the gracilian literature, a reflection on the problematic of human existence marked by the demotivation and / or displeasure of the subject is elaborated. The study considers ideas from Lars Svendsen and Sigmund Freud to thus dwell on two short stories that constitute its object.

Keywords: Boredom. Subject. Graciliano Ramos.



Submetido em: 04 nov. 2019
Aprovado em: 25 nov. 2019
e-ISSN 2595-7295



Licença Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual 4.0 Internacional

¹ Discente do Mestrado em Cidades: Territórios e Identidades na Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: rodrigues.litera@gmail.com

Poucas obras literárias apresentam um tédio profundo quanto a *Insônia*, de Graciliano Ramos. A coletânea de contos, publicada em 1947, apresenta uma substância entediante borrifada em cada conto. Ao se observar o primeiro, cujo título é “Insônia”, o leitor se depara com uma névoa que, de modo arbitrário, está entre a forma e o conteúdo. O narrador, acostumado com sua insônia tal como ela é, profunda, vive um tédio similar à narração do presente no conto subsequente, “Um ladrão”. A narração é entediante, pois desafia o prazer pensativo de narrar. O conto revela um narrador que relata como um ladrão pode ser tão incapaz de roubar estando paralisado pelo medo.

O narrador de “Um ladrão” observa um ladrão que precisa de coragem. Uma imagem diferente de sujeito, pois contraria o imaginário que conhecemos; observa-se um ladrão que não tem condições de levar aquilo que não é seu. Essa restrição faz com que o narrador em terceira pessoa se entedie, ficando nesse estado por conta do próprio testemunho daquilo que presenciou e viu. O ladrão é um sujeito entediado que, em sua própria ação, descobre sua autoincapacidade. Ele está incapacitado de agir.

Assim, com essa imagem da incapacidade de não conseguir realizar o que queremos, a obra de Graciliano Ramos conduz a uma reflexão sobre o ser. Através de um diálogo, cuja base apoia-se em Lars Svendsen e Freud, respectivamente, buscada na filosofia e na psicanálise, procuramos formular a seguinte hipótese: de que o tédio nestes contos está configurado como forma para se estender seu reverso às condições de existência. Essa perspectiva se delineia a partir da incapacidade de um ser humano se situar no mundo, tentativa insatisfeita, em que os contextos empíricos são insatisfeitos. Em um mundo cuja transformação é imediata e marcada pela liquidez, segundo reflexão de Zygmunt Bauman, a modernidade se associa como fluída. Metaforicamente falando, os contos de Graciliano Ramos se associam com essa modernidade. Os contos se aproximam de uma névoa cinzenta produzida pela modernidade e, com isso, uma forma de tédio profunda, já que somos incapazes de ver sobre ela.

A partir da metáfora da modernidade líquida, o tempo moderno nos faz ver como o tédio se faz presente em nossas vidas e em que medida lhe é dado importância. Bauman (1998) explicou os pressupostos desse conceito, em seu estudo sobre *O mal-estar da pós-modernidade*. O pré-moderno também se ocupou de uma associação entre a passagem do tempo e sua idiosincrasia pessoal das formas de viver, problema de Lars Svendsen (2006) em seu estudo *Filosofia do tédio*. Se por um lado o tédio é resultado de práticas sociais fadadas ao esgotamento, por outro, sua presença obriga uma reflexão profunda para o entendimento da experiência existencial num dado contexto cultural.

Com a modernidade, a partir das grandes transformações urbanas e com o aumento da procrastinação na sociedade, foi necessário reavaliar os métodos de apreensão da realidade. Para isso grandes escritores e filósofos como Benjamin, Adorno, Flaubert, Freud, Habermas, Mann, Marx, Baudelaire e Proust contribuíram de modo decisivo sobre a crítica da razão. O conhecimento apreendido da realidade é uma expressão paradoxal cuja pretensão de verdade procura explicar os fatos como eles realmente são. O emprego da crítica da razão mostra como a teoria de fato é o princípio que orienta a ação.

O leitor que se propõe, em uma leitura atenciosa da obra *Insônia*, é apresentado a uma narrativa que não se molda às formas convencionais de narração. A linguagem utilizada aponta para uma necessidade de narrar a existência dada pela experiência, por mais que alguns narradores pareçam entediados, marcados pelo desprazer de narrar, e parecerem já incapacitados, submersos nessa névoa cinzenta, resíduo que lhe tira tudo, inclusive, a vontade de viver.

Um ponto análogo entre o pensamento de Bauman e a obra de Graciliano é a incapacidade prazerosa de lidar com uma ação fixa, concreta, capaz de definir no sujeito uma experiência enraizada e repetitiva. Na tese de Bauman várias imagens convergem com os contos de Graciliano Ramos; a partir do momento que codificamos ações, perdemos seu atrito, tornando-as supérfluas. Na aporia da hipótese indicada em Ramos, podemos encontrar no tédio uma metáfora de expressão dessa modernidade vazia. Assim, é importante observar de que modo Graciliano Ramos procura refletir esse sujeito que de algum modo está marcado pelo tédio, sujeito que normalmente está fadado a não poder fazer o que quer, quando sua experiência pesa na orientação da vida. Muitas vezes o tédio se apresenta como a incapacidade de agarrar alguma coisa haja vista ser líquida.

Em *Insônia*, o tédio interessou em alguns pontos definitivos. No conto que dá nome ao título da obra, o tédio advém da incapacidade de dormir. Em “Um ladrão” o tédio emoldura certa incapacidade de ultrapassar limites impostos pelo meio, cuja inércia é perturbadora. Uma linguagem cuja estética do tédio pode ser pensada e problematizada. Na mesma coletânea, o texto “O relógio do hospital” associa o tédio à problematização da passagem do tempo e da perda de referências com as batidas do relógio. Nesse conto, o narrador encontra-se perturbado pelo relógio do hospital que, inclusive, representa uma ameaça.

Particularmente, no conto o narrador personagem está entediado, seu tédio é ampliado, generalizado pelo hospital; estar entediado é estar consciente de que nada lhe pertence. O tédio cria uma imagem inerte nesse sentido, o narrador cultiva “sono, fadiga, desejo de ficar só” (RAMOS, 1965, p. 35) e com isso apresenta, com a sensação de que “estar descendo e

subindo, balançando-me como um brinquedo na extremidade de um cordel” (RAMOS, 1965, p. 35), que se sente, entorpecido pelo meio deixando-o “eternamente parado”. (RAMOS, 1965, p. 35). Em “O relógio do hospital”, do autor de *Vidas Secas*, uma das experiências mais vazias do moribundo narrador é suportar passar por aquele período sem fim no hospital. Exposto ao cuidado do médico, o narrador encontra certa apatia em seu tratamento, haja vista produzir um profundo esgotamento.

No conto “Paulo”, o autor de *Infância* apresenta um narrador que procura decifrar quem é o chamado Paulo que esgota sua existência, seu valor vazio anula suas formas de relacionamento, e o acaba envolvendo numa imobilidade, em que, paulatinamente, cerca-o em uma sequência de processos repressivos. “Realmente Paulo é inexplicável: falta-lhe o rosto, e o seu corpo é esta carne que se imobiliza e apodrece colocada à cama do hospital.” (RAMOS, 1965, p. 49). Sua ferida é representada como uma espécie de desligamento, que passa a ter o objetivo de recusa, “a imobilidade atormenta-me, desejo gritar, mas apenas consigo gemer baixinho.” (RAMOS, 1965, p. 46). Sua identidade parece perdida, pois parece se esforçar para confiar em si mesmo e na própria confiabilidade de Paulo.

Em *Insônia*, a protagonista do conto “Luciana” fica indiferente diante do tratamento da família. A figura do tio Severino considerado “o senhor da poltrona”, passar ter o propósito de buscar uma relação anestesiada com a família e consigo mesma, o que a leva enfrentar problemas mais introspectivos, de questionamento de valores familiares ou condutas. Sua experiência é marcada pelo tédio como uma espécie de “visão para dentro” que busca protegê-la daquilo que o tio Severino disse, isto é, da normatização da ordem familiar.

Desta obra, podíamos citar outros contos além desses cinco iniciais. Vale ressaltar, também, que embora nosso foco seja apenas os contos “Insônia” e “O relógio do hospital”, no livro após revisitação encontram-se longas passagens relacionadas ao assunto. Os já citados contos: “Insônia”, “Um ladrão”, “O relógio do hospital”, “Paulo” e “Luciana” apresentam várias temáticas relacionadas ao problema do tédio, indicando que tal possibilidade de leitura é possível exigindo, assim, um recorte teórico específico. Gostaria de ressaltar que Graciliano Ramos é responsável por dar vida a *Insônia*. Assim, nesses contos, em que o tédio se apresenta como uma insônia profunda fora de controle, toda inibição ou anestesia de ordem existencial é válida. Com passagens narrativas marcantes, a narrativa expõe personagens e narrações entediadas protagonizadas num dado contexto histórico singular – logo, toda conformidade parece perdida, fora de rota –, por não conseguirem lidar com aquilo que perderam e, além disso, por não terem clareza sobre o que perderam, se é que perderam.

Falando um pouco além dos contos acima citados, vale a pena ressaltar um clássico da literatura ocidental, lançado com o título original de *Die Leiden des jungen Werther*. Trata-se de *Os sofrimentos do jovem Werther*, de Goethe, cujo protagonista é um jovem entediado, que por não saber ser é tomado por uma angústia que o condena à morte. Antes de o drama narrativo caminhar para a tragédia, o suicídio, à medida que ele se desenvolve, ouvimos de Werther, em seu monólogo, todo seu drama ali figurado. A expressão é melancólica, enquanto sua condição é entediante, a narrativa apresenta algumas ações cujo caráter é vazio. A reação de Werther é paradoxalmente inesperada, pois suas ações lhe tiram tudo, inclusive, a esperança de viver. O tédio de Werther revela sua total incapacidade de ação de um jovem marcado pela insatisfação. Insatisfação, apenas insatisfação, uma falha grave.

O tédio na literatura graciliana suscita duas premissas conceituais: a primeira é pensada a partir de uma reflexão teórica, a segunda, pensada a partir de uma reflexão estética. Nosso propósito parece vazio, de natureza lacunar; porém, é instigante, e exige certa atenção e cuidado. Nesse sentido, na primeira premissa, o tédio das personagens, dada sua historicidade, pode ser pensado como metáfora. Nessa perspectiva, apoiando-se no conceito pré-moderno de *acédia*, segundo Svendsen (2006, p. 53), a representação literária do tédio está associada à idiosincrasia pessoal do sujeito, à sensação de cansaço produzida pelo tempo que não passa ou enfado relacionado ao obtuso, ao estúpido. Na segunda premissa, nosso posicionamento não apenas pensa o tédio como metáfora, mas como experiência-limite para questionar nossa existência numa dada sociabilidade, da sociabilidade marcada por um tempo não-cronológico, não sequencial, posto que a existência seja inconstante e relativa. E o esforço em manter-se social não é dado, é disputado e construído, como nos fazem crer os narradores de *Insônia* (1965).

Os contos de Graciliano Ramos certamente demandam a segunda premissa de pensamento. Em “Insônia” a imagem proposta pelo narrador não se constitui apenas como metáfora do desassossego. A insônia instaura paulatinamente para o leitor a própria experiência-limite do desassossego, daquela sensação de que nada somos, que paralisa, que nos joga no vazio; não dormir significa de algum modo se despejar da cama janela a fora. “A inércia findou num instante, o corpo morto levantou-se rápido, como se fosse impelido por um maquinismo.” (RAMOS, 1965, p. 9). “Era uma espécie de mão poderosa que me agarrava os cabelos e me levantava do colchão, brutalmente, me sentava na cama, arrepiado e aturdido.” (RAMOS, 1965, p. 9). Como dizia Freud (2006a) nos interesses psicoterápicos da histeria, o tédio se torna intolerável. Para Joseph Breuer (2006), inclusive, o tédio se apresenta como afeto prejudicial, através do qual tudo está relacionado ao adoecimento ou cansaço. No

entanto, Freud (2006b) sustenta o tédio como mal-estar individual cujo sofrimento demanda certa naturalidade quando se olha para cada sujeito em sua singularidade.

Falar do tédio é plenamente ter consciência de um conteúdo involuntário, pois podemos ter passagens narrativas mais significativas e, ainda assim, não o reconhecer. Então, nosso conteúdo involuntário só poderia existir se se definisse um campo epistemológico. Temos falado nos estudos filosóficos e psicanalíticos, reconhecidamente através de Bauman, com a metáfora da modernidade líquida, como a vida dos sujeitos pode se tornar cética, passiva, imponderável e arbitrária. A existência por conta do tédio fica por conta da representação desses elementos que submete os indivíduos modernos à mercê de suas impotências. Neste sentido, procuro comentar dois contos já citados acima que, como já apresentado, formulam nossa hipótese. O conto “Insônia” e o conto “O relógio do hospital”, ambos de Graciliano Ramos. Nesses *corpora*, o tédio não é apenas uma metáfora, nem mesmo manifestações de desvitalização do conceito pré-moderno. O tédio é apresentado como uma epistemologia para se pensar o sujeito de modo específico.

O conto de Graciliano Ramos que dá título à coletânea, *Insônia*, remete-se à poética de Fernando Pessoa em *Livro do desassossego*¹. Poema marcado por sensações que ressaltam o desassossego e a imagem da insônia está visivelmente presente nos versos de Pessoa. O desassossego que é a sensação da insônia é claramente uma metáfora do cansaço diante da brevidade da vida. No entanto, no conto de Ramos, a insônia traz marcas daquilo que parece conter uma consciência da incapacidade, mais do que desassossego, vislumbra-se certa desorientação de conduta, saturação psicológica do propósito esclarecido do ato de levantar.

Sim ou não? Deverei levantar-me, andar, convencer-me de que saí daquele sono de morte e posso mexer-me com um vivente qualquer, ir, vir, chegar à janela e receber o ar da madrugada? Impossível mover-me. Para alcançar a janela preciso atravessar esta claridade que me fende o quarto como uma cunha, rasga a escuridão, fria, dura, crua. Se a escuridão fosse completa, eu

¹ “[...] Sim, passaremos todos, passaremos tudo. Nada ficará do que usou sentimentos e luvas, do que falou da morte e da política local. Como é a mesma luz que ilumina as faces dos santos e as polainas dos transeuntes, assim será a mesma falta de luz que deixará no escuro o nada que ficou de uns terem sido santos e outros usuários de polainas. No vasto redemoinho, como o das folhas secas, em que jaz indolentemente o mundo inteiro, tanto faz os reinos como os vestidos das costureiras, e as tranças das crianças louras vão no mesmo giro mortal que os cetos que figuraram impérios. Tudo é nada, e no átrio do Invisível, cuja porta aberta mostra apenas, defronte, uma porta fechada, bailam, servas desse vento que as remexe sem mãos, todas as coisas, pequenas e grandes, que formaram, para nós e em nós, o sistema sentido do universo. Tudo é sombra e pó mexido, nem há voz senão a do som que faz o que vento ergue e arrasta, nem silêncio senão do que o vento deixa. Uns, folhas leves, menos presas de terra por mais leves, vão altas do redopio do Átrio e caem mais longe que o círculo dos pesados. Outros, invisíveis quase, pó igual, diferente só se o víssemos de perto, faz cama a si mesmo no redemoinho. Outros ainda, miniaturas de troncos, são arrastados à roda e cessam aqui e ali. Um dia, no fim do conhecimento das coisas, abrir-se-á a porta do fundo, e tudo o que fomos — lixo de estrelas e de almas — será varrido para fora da casa, para que o que há recomece.” A citação de Fernando Pessoa, no *Livro do Desassossego*, refere-se à 2ª edição, São Paulo, 2005, p. 108.

conseguiria encostar-me de novo, cerrar os olhos, pensar num encontro que tive durante o dia, recordar uma frase, um rosto, a mão que me apertou os dedos, mentiras sussurradas inutilmente. (RAMOS, 1965, p. 12).

É uma passagem narrativa que se ocupa da falta de força de vontade: a insônia não é apenas a impossibilidade de dormir, mas é uma condição da experiência humana da qual não se consegue fazer absolutamente nada porque a vontade não se agarra em nada. O parágrafo final, com a imagem da escuridão incompleta no quarto, é a culminância da insolência de um sujeito sem estímulo, na sombra, ameaçado pela claridade, de tal modo o ambiente fechado do quarto já aponta chances mínimas ou quase nulas de um estado existencial relacionado à própria experiência perdida.

“O relógio lá embaixo torna a bater. Conto as pancadas e engano-me. Duas ou três? Daqui a uma hora certificar-me. Uma hora imóvel, os cotovelos pregados nos joelhos, o queixo nas mãos, os dedos sentindo a dureza dos ossos da cara.” (RAMOS, 1965, p. 12). O prolongamento das batidas do relógio busca demonstrar deliberadamente seu destino inconcluso definido pela falta de horizonte. Chama a atenção no conto, o relógio indicando que esta insônia não tem relação com desvitalização. Naquele ambiente interno, segundo o qual o relógio surge para marcar o tempo cronológico, o tédio se caracteriza, portanto, não deixando marcas da experiência, a “pancada” do relógio o consome integralmente no instante presente, a “pancada” procura lançá-lo à sorte e ao acaso.

Como expressão da imobilidade e conceito, como diria Lars Svendsen (2006), o tédio elabora um vazio insondável, contraria uma força de vontade, torna o sujeito vulnerável, pois adia sua hora marcada consigo mesmo, o conto está associado, com outro da obra *Insônia*, à saturação de ambientes que consomem nossa existência. O ambiente de tédio é tamanho que aponta certo desgaste. A imagem da saturação daquele ambiente impede qualquer vontade de se situar no mundo porque nossa relação com ele foi perdida.

No conto “O relógio do hospital”, do autor de *São Bernardo*, o ambiente que dá título ao conto é minuciosamente vivenciado pelo narrador, capaz de descrever certas ações quando sua existência deixa de coincidir com o espaço. Esse narrador quanto mais pueril fica, mas aumenta seu foco narrativo preso à vontade de descrever; em vários pontos, sua própria experiência individual, como sendo indesejada, é a de sentir a batida do relógio para aquilo que é irreparável.

No início do conto, o narrador descreve como o médico dotado de um saber científico se profere, nesse caso, orientando sua fala como se estivesse falando com uma criança. Diferentemente dos outros pacientes do hospital, para os quais o modo de tratamento é mais

emblemático, o narrador entende seu ambiente como espaço entrecruzado pelo acaso; o hospital como lugar de ações, é perfeitamente saturado por práticas sociais revestidas de tédio. Assim, acredito, Graciliano Ramos elaborou uma imagem do relógio do hospital como desforra da indiferença daquilo que não foi vivido, enquanto saudáveis não vivem e não se reconhecem saudáveis; só se conhecem indiretamente, através do intervalo de tempo cronometrado pelo relógio do hospital. Veja-se:

O relógio bate de novo. Tento contar as horas, mais isto é impossível. Parece que ele tenciona encher a noite encher a noite com a sua gemedeira irritante. Dr. Queirós, precipitando a falar, não acaba: é um palavreado infinito que nos enjoa, nos deixa embrutecidos, mudos, mastigando um sorriso besta de cumplicidade. Felizmente o homem dos esparadrapos vive. Repito que ele vive e caio num marasmo agoniado. No silêncio as notas compridas enrolam-se como cobras, estiram-se pela casa, invadem a sala, arrastam-me devagar nos cantos, sobem a cama onde me agito apavorado que fim levaram as pessoas que me cercavam? Agora só há bichos, formas rastejantes que se torcem com lentidão de lesmas. Arrepio-me, o som penetra-me no sangue, percorre-me as veias, gelado. (RAMOS, 1965, p. 37).

O tédio, que tantas vezes a literatura romântica associou à angústia, acaba com a tradição obtida pelo tédio do narrador. Qualquer senso de realidade é perdido. Com o tédio, tudo se torna desproposital e inventariante. Quando o narrador afirma que “Felizmente o homem dos esparadrapos vive” (RAMOS, 1965, p. 37), na dissolvência do evento, o tempo vai se tornando incontornável e o tédio ganha a forma da vivência que são se realiza. Agora, está inteiramente sedimentado pelas ações em sua volta e por si, pois se arrepia quando o som o penetra no sangue e percorre suas veias. O tédio que, indica certa percepção lenta serve como percepção interior para abstinência do real.

O narrador proposto por Graciliano Ramos é sensível. O narrador julga nossa experiência comparando-a com o relógio do hospital. O relógio como símbolo se apresenta de forma entorpecida com seu movimento, pois suas “pancadas” se igualam; logo, não se anulam e não se reduzem. Seja pelas batidas do relógio, o entediado se entorpece, pois estufa o não vivido. Os dois contos de Ramos acabam tensionando uma mesma problemática central. Em ambas as narrativas, o tédio, é rodeado por desilusões, fracassos ou decepções, caracteriza-se como maldizer da existência sem o qual não saberiam existir. De forma alguma, esse maldizer não impede de viver o mundo que negam. O entediado representa uma existência destrutiva.

Nos dois contos, os sujeitos vivem sob constante desadaptação com o tempo – sendo impossível se adaptar nessa realidade, por via epistemológica, o sujeito entediado aumenta sua tensão constitutiva tornando-se devidamente mais casmurro ou sorumbático. Em

Graciliano, isso vale tanto para o narrador de “Insônia”, como para o narrador de “O relógio do hospital”. E, em ambos os textos, a imagem do desencontro com o tempo mediado pelo contraste da vida tardia.

Em que medida a realidade admite de fato experiências humanas que não se adaptam as novas condições de existência? A realidade em crise da vida moderna só se cumpre a partir da dissolvência dos eventos. Em sua obra *Modernidade líquida*, Bauman (2001) propõe, de modo catedrático, a busca pela satisfação das nossas necessidades íntimas em objetos externos mais bem-sucedidos. Essa liquidez pode ser útil para corroborar um conceito de constituição do tédio ao que nada acontece, dentro da imobilidade social/espacial, pautado na inacessibilidade da imagem do entediado.

Lars Svendsen (2006, p. 23) esquematiza metodologicamente esse pensamento acima indicado, afinal, “se o tédio aumenta, isso significa uma falha grave na sociedade na sociedade ou na cultura como transmissores de significados”; o trabalho, o lazer, a morte, entendidos como significados, como forma total da sociedade no sistema capitalista, o significado do tédio, considerando no caso distância exigida não é, na modernidade, base de sua total significação, mas o inacessível é uma base fundamental; sentem-se aprisionados pela irrupção do real, em que o real, mais do que um meio isolado, torna-se abertamente distante, e é considerada a perda de sentido individual, o sentido em sua acepção moderna, em que o significado tem papel central e é legitimado pelo sujeito, afinal, “não suportamos viver em algum tipo de conteúdo que possamos ver como constituidor de significado. A falta de sentido é entediante.” (RAMOS, 1965, p. 32).

Nos *corpora* utilizados encontramos imagens análogas a essa existência entediante, esse sujeito cuja experiência à qual dá significado é revida pelo olhar que esses sujeitos lançam para o presente. A experiência histórica de um indivíduo entediado é nele mesmo isolado e ainda assim sem garantia de reconhecê-la, formando a imagem e o conceito que, o tédio é imprevisível, sobre o qual não se tem o controle. Logo, nossa proposição fundamental ajuda a entender como o sujeito, em sua existência ontológica, sustenta o problema do tédio a partir da perda do que é irreparável.

Portanto, para dar conta da tarefa o tédio está relacionado a uma perspectiva estética e epistemológica que interage com a estrutura textual e matéria histórica da obra *Insônia* de Graciliano Ramos. Em choque mesmo com o texto, interessa-nos a percepção ou a introjeção de imagens que fraturem e redimensionem a prosa da segunda fase moderna, pois esta narrativa genericamente se apoia no retrato crítico do real, na relação entre o homem e sua terra, discutindo a memória individual e coletiva do sujeito e a persistência e o poder da

tradição. Nossa necessidade estética em questão, apontou o tédio como algo que reduz a percepção do indivíduo que se anula mesmo sem experimentar o experimentável. O tédio é inóspito, sua presença latente deixa o ser sem vontade. O tédio controla a negação. Assim, se faz necessário um ponto de vista efetivamente involuntário, para percebê-lo para além da forma. O tédio é configurado na literatura de Graciliano Ramos com uma experiência tornada negativa, de forma indesejada e inevitável, o tédio do sujeito sobre si mesmo é invertido, pois se mostra dentro da duração do incômodo.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BREUER, J. Considerações teóricas. In: FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (v. II; Estudos sobre a histeria (1893-1895)).

FREUD, Sigmund. A psicoterapia da histeria. In: FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 2006a. (v. II; Estudos sobre a histeria (1893-1895)).

FREUD, Sigmund. Inibição, sintoma e angústia. In: FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 2006b. (v. XX; Um estudo autobiográfico, Inibições, sintomas e angústia, Análise leiga e outros trabalhos (1925-1926)).

GOETHE, Joan W. *Os sofrimentos do jovem Werther*. São Paulo: Martin Claret, 2004

PESSOA, Fernando. *O livro do desassossego*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

RAMOS, Graciliano. *Insônia*. São Paulo: Editora Ática, 1965.

SVENDSEN, Lars. *Filosofia do tédio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.